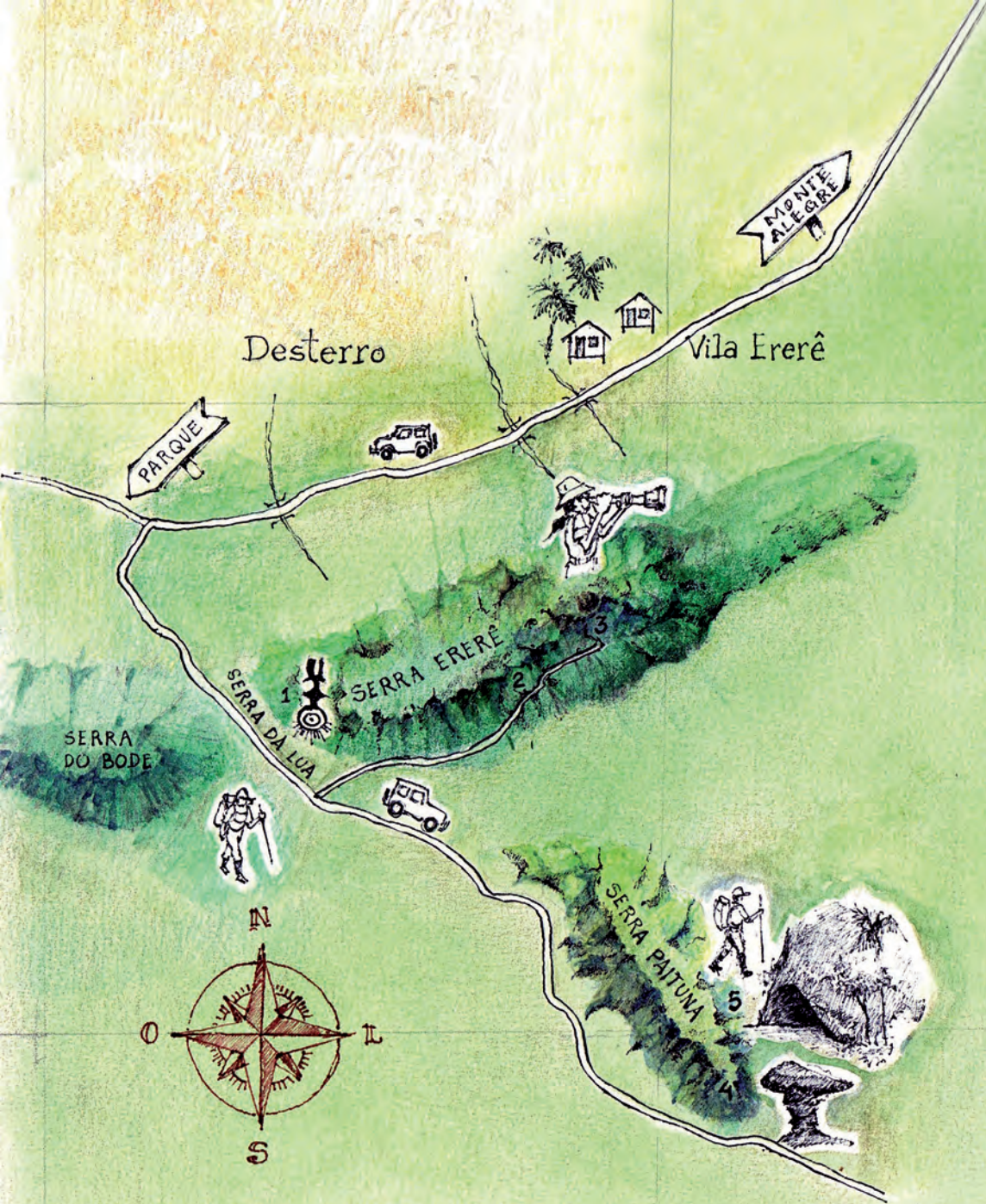


guia
arqueológico
do parque
estadual

Monte Alegre





PARQUE ESTADUAL MONTE ALEGRE



LEGENDA

- 1- SERRA DA LUA
- 2- GRUTA ITATUPAOCA
- 3- PEDRA DO MIRANTE
- 4- PEDRA DO PILÃO
- 5- CAVERNA DA PEDRA PINTADA
- ESTRADA SEM ASFALTO
- ≡ PONTE

guia
arqueológico
do parque
estadual

Monte Alegre



Edithe Pereira
Cristiana Barreto



GOVERNO DO BRASIL

Michel Temer
Presidente da República

José Mendonça Bezerra Filho
Ministro da Educação

Gilberto Kassab
Ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações



MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Nilson Gabas Júnior
Diretor

Ana Vilacy Galúcio
Coordenadora de Pesquisa e Pós-Graduação

Maria Emília da Cruz Sales
Coordenadora de Comunicação e Extensão

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ

Raimunda Nonata Monteiro
Reitora

Anselmo Alencar Colares
Vice-Reitor

Thiago Almeida Vieira
Pró-Reitor da Cultura, Comunidade e Extensão - PROCCE

NÚCLEO EDITORIAL DE LIVROS

Iraneide Silva
Editora Executiva

Andréa Pinheiro
Editora de Arte

Angela Botelho
Tereza Lobão
Editoras Assistentes

Sthephanie Borges da Silva
Estagiária



guia
arqueológico
do parque
estadual

Monte Alegre



Edithe Pereira
Cristiana Barreto

COLABORADORAS
Hannah Nascimento
Dyedre Alves Pedrosa

AQUARELAS (capa e miolo)
Mario Baratta

FOTOS
Edithe Pereira
Claide Moraes – páginas 22 e 73 (inferior)
Cristiana Barreto – páginas 73 (superior e meio), 75 e 76

DESENHO
Michele Alessandra Holanda e Silva – página 76

FIGURAS
Mapa adaptado por Calil Torres Amaral – página 10
HARTT (1895) – página 24
STENBORG (2004) – página 25 (superior)
KATZER (1933) – página 25 (inferior), página 37 (esquerda)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pereira, Edithe

Guia arqueológico do Parque Estadual Monte Alegre / Edithe Pereira, Cristiana Barreto. – Belém : MPEG : Universidade Federal do Oeste do Pará, 2017.

88 p. : il. color

ISBN 978-85-61377-89-2

1. Arqueologia – Monte Alegre (PA) - Guia. 2. Parque Estadual Monte Alegre. I. Barreto, Cristiana. II. Título.

CDD 981.101098115

© Copyright por/by Museu Paraense Emílio Goeldi, 2017.
Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,
no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Monte Alegre	7
Localização geográfica	7
Breve história do município	7
O parque estadual Monte Alegre (PEMA)	9
Características ambientais do PEMA	9
As serras e suas formações naturais	11
Os cerrados e os campos do desterro	17
A hidrografia	19
A importância de Monte Alegre para a arqueologia brasileira	21
Os sítios arqueológicos do PEMA	29
A serra do Ererê e seus sítios	29
A serra do Paituna e seus sítios	43
Características das pinturas rupestres de Monte Alegre	58
Os temas	61
As cores e as técnicas	68
A cronologia das pinturas rupestres	69
Os sentidos e significados da arte rupestre	70
Para além das pinturas rupestres: outros vestígios arqueológicos na área do PEMA	72
Proteger para preservar	77
Como visitar o PEMA	79
Para saber mais	81
Glossário	83
Roteiros na área do PEMA	85



Monte Alegre



Localização geográfica

Monte Alegre é um município localizado no oeste do estado do Pará, na mesorregião do baixo Amazonas. Com uma área superior a 20 mil km², seu território se estende no sentido norte-sul e tem como limites os municípios de Alenquer a oeste, Almerim a norte e nordeste, Prainha a sul e sudoeste. A cidade de Monte Alegre é a sede municipal e está localizada à margem esquerda do rio Gurupatuba, distante de Belém, capital do Pará, cerca de 623 km em linha reta. Monte Alegre fica a 85 km a leste de Santarém, com acesso regular de barco, lancha ou carro/ônibus.

Breve história do município

A cidade de Monte Alegre, sede do município é considerada um dos mais antigos núcleos urbanos da Amazônia. Em 1639, Cristovão de Acuña, cronista oficial da expedição de Pedro Teixeira de Quito a Belém, fez menção ao aldeamento de Gurupatuba, núcleo que deu origem à cidade. Posteriormente foi transformado em Freguesia de São Francisco de Assis pelos religiosos dessa Ordem e elevada à categoria de Vila em 1798, quando passou a chamar-se Monte Alegre.

A origem desse nome está relacionada tanto com a topografia acidentada da região, quanto com a prática do então governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, de atribuir às cidades amazônicas o mesmo nome de cidades portuguesas. Em 1889, Monte Alegre é elevada à condição de cidade e sede do município.

Por ser uma cidade próxima à Santarém e rica em recursos naturais, sobretudo advindos de sua região de várzea, Monte Alegre sempre estabeleceu relações comerciais com o principal centro de comercialização do Baixo Amazonas. Entre os muitos produtos que fornecia aos municípios vizinhos destacam-se no século XIX as cuias feitas pelas mulheres indígenas (o que lhe rendeu o nome de cidade “pinta-cuia”), as cerâmicas (telhas e tijolos) e a pesca. Posteriormente, a economia de Monte Alegre se desenvolveu com o extrativismo da borracha, das plantações de cacau e com a criação de gado, propiciada pelas extensas áreas de pastagem nas várzeas e campos. Monte Alegre foi também palco de várias colônias agrícolas abrigando inicialmente imigrantes espanhóis e nordestinos e depois japoneses. Hoje Monte Alegre conta com uma população de aproximadamente 65 mil habitantes.



O parque estadual Monte Alegre (PEMA)

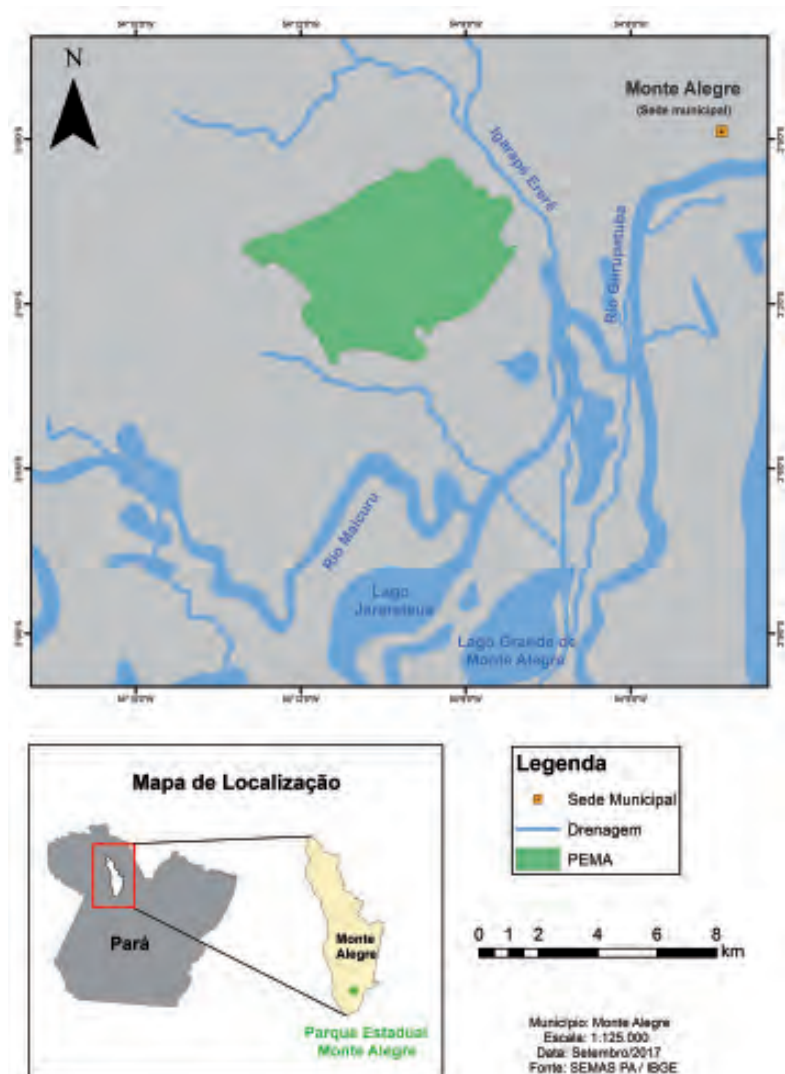


Características ambientais do PEMA

O Parque Estadual Monte Alegre é uma unidade de conservação integral. Foi criada em 2001 (lei nº. 6.412). Em 2013, após Consulta Pública, sua área foi redefinida sendo excluídas as comunidades do Paituna, Lages e Maxirazinho. Atualmente, a área do PEMA é de 36,78 Km² e dela fazem parte as Serras do Ererê, Paituna e Bode (também conhecida como Aroxi ou Maxirá). O PEMA está localizado à cerca de 40 km a Oeste da cidade de Monte Alegre.

Monte Alegre possui características ambientais bastante particulares em relação às paisagens amazônicas que não passaram despercebidas pelos viajantes que percorreram a região nos primeiros séculos da colonização portuguesa. Em meio à vastidão da floresta tropical amazônica, Monte Alegre se destaca pela vegetação de cerrado (ou savana) e pela presença de serras com atitudes que alcançam até 400 metros acima do nível do mar e que quebram a monótona paisagem plana da região amazônica.

O clima em Monte Alegre é caracterizado por duas estações definidas pela maior ou menor intensidade de chuvas. O período chuvoso, quando ocorrem as precipitações mais altas, é de dezembro a junho e o período seco é de julho a novembro. A temperatura média anual na região é de 22,5° C e a umidade do ar varia entre 70 a 87%, sendo a máxima em abril e a mínima em dezembro. O melhor período para a visita ao parque é no período mais seco, quando o acesso pelas trilhas e estradas é facilitado.



As serras e suas formações naturais

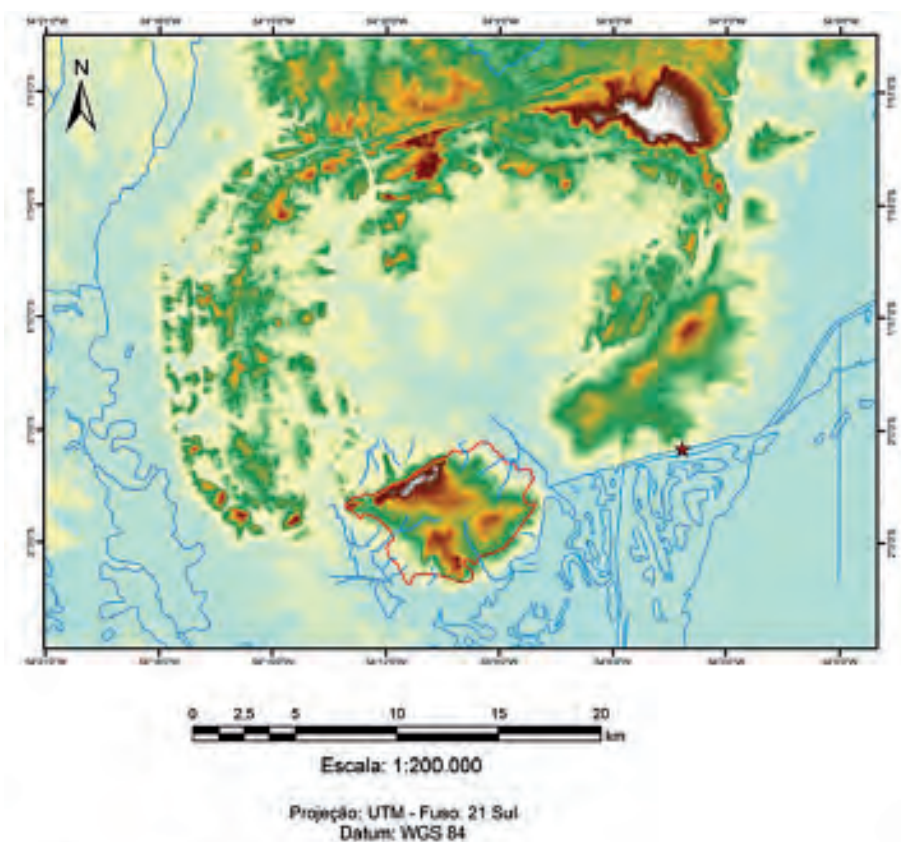
As formações rochosas de Monte Alegre e suas formas inusitadas foram o principal motivo que levou naturalistas e pesquisadores a explorarem a região durante os séculos XIX e XX. A existência de uma estrutura circular com cerca de 20 km de diâmetro formada pelo levantamento natural de rochas paleozoicas e terciárias ficou conhecida como Domo de Monte Alegre, uma formação única na Amazônia.

As serras do Domo de Monte Alegre são, portanto, o resultado de **processos naturais** que vêm ocorrendo há milhares de anos, em épocas geológicas anteriores à vida na Terra. Após o movimento de placas terrestres que levantou o domo, grandes estruturas rochosas foram esculpidas na rocha pelo trabalho milenar da erosão (sol, vento, chuva e rios) criando as mais curiosas formas. Algumas destas formas fazem lembrar formas de animais, objetos ou outros seres, e foram apelidadas de acordo com esta semelhança.

O Domo de Monte Alegre é uma estrutura sem igual na bacia amazônica; as serras se destacam de longe na paisagem plana da várzea do rio. A monumentalidade desta formação, com cavernas e mirantes naturais, vem atraindo a atenção de todos os que habitam e passam pela região, desde tempos pré-históricos até os dias de hoje.

Há pelo menos 12 mil anos, antigos povos indígenas ocuparam as serras de Monte Alegre, transformando as formações naturais em mirantes, abrigos para a proteção do sol e da chuva e locais para moradia e caça. Ao longo do tempo deixaram muitos desenhos sobre as paredes de pedra. Utilizavam a própria rocha colorida para fabricar as tintas vermelhas e amarelas. Desenharam tanto grandes figuras, que podiam ser vistas desde muito longe, como painéis repletos de pequenas formas.

Fazem parte do Domo de Monte Alegre as serras do Ererê, Paituna, Maxirá e Itauajuri. Destas, as três primeiras encontram-se na área do PEMA.



Legenda

★ Sede de Monte Alegre

— Rede de Drenagem

□ Limite territorial do PEMA

Imagem - SRTM

Altitude (m)

422 m

1 m

O domo de Monte Alegre

- Serra do Ererê

É, visualmente, a mais imponente elevação de Monte Alegre sendo descrita em 1933 pelo geólogo Friederich Katzer como “uma poderosa muralha montanhosa”. Esta serra se estende por mais de 4 km de comprimento no sentido leste-oeste, sua largura varia de 1,5 a 2,0 km e sua cota máxima atinge 220 metros de altura. A vertente Sul é bastante abrupta e chama a atenção pelas formações rochosas curiosas fruto da erosão da rocha (arenito).

Serra do
Ererê



A ponta Oeste da Serra do Ererê
é conhecida como Serra da Lua.





Formas
semelhantes
a colunas na
Serra do Ererê

- Serra do Paituna

Fica distante cerca de 2 km ao Sul da serra do Ererê e se estende por 3 km de comprimento alcançando, aproximadamente, 200 metros de altitude. Em suas vertentes há declives acentuados e paredes abruptas onde se encontram abrigos, grutas e diversos blocos rochosos com formas curiosas esculpidas pela erosão. As Pedras da Tartaruga, do Cogumelo e do Navio são algumas delas, no entanto, a mais imponente e mais conhecida é a Pedra do Pilão que se tornou um símbolo do município.

Pedra
do Pilão



Pedra do Pilão



Pedra do
Cogumelo



Pedra da
Tartaruga



Pedra
do Navio



- Serra do Bode

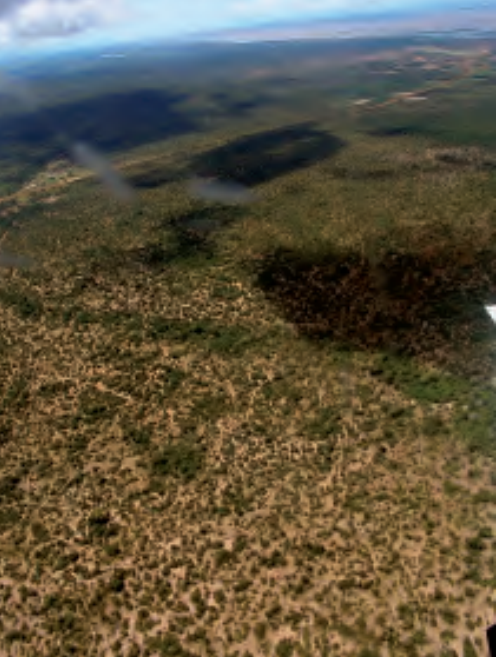
É também conhecida como serra do Aroxi. Ela fica em frente à serra da Lua, que corresponde ao extremo oeste da serra do Ererê. A serra do Bode tem sua base arredondada, cerca de 1 km de extensão e altitude média em torno de 100 metros. Nas suas encostas há grande quantidade de blocos rochosos e muitos cactos que dificultam a escalada tornando-a bastante penosa. No topo desta serra há fendas que emanam gases quentes com forte cheiro de amônia.

Serra
do Bode



Os cerrados e os campos do desterro

A vegetação na área do PEMA é predominantemente de cerrado ou savana, ao contrário de outras regiões amazônicas onde predominam as florestas. Isso se dá porque as serras formadas por arenito dão origem a um solo cascalhento e arenoso, lavado pelas chuvas e pouco fértil. Por isso a vegetação é rala, com arbustos e árvores retorcidas típicos do cerrado. As áreas mais planas são chamadas de Campos do Desterro, cobertas apenas com grama.



Vista aérea da área com vegetação de cerrado em Monte Alegre

Campos do Desterro

Vegetação de cerrado na área do PEMA





Além das savanas, ocorrem também em menor proporção outros tipos de vegetação como a Floresta Equatorial Ombrófila Aluvial, a Formação Pioneira Arbustiva, a Formação Pioneira Lenhosa-Graminóide além de Áreas Antrópicas e Áreas de Tensão Ecológicas.

Ambiente
do PEMA na
época da
floração do ipê

A hidrografia

Monte Alegre tem uma importante malha fluvial e grandes lagos. A extensão e caudal do rio Maicuru fazem dele o mais importante da região. Ao cruzar o lago Grande, esse rio passa a se chamar Gurupatuba e é ele que banha a cidade de Monte Alegre. Nas proximidades do PEMA correm dois importantes igarapés, o Paituna e o Ererê. Dentro do Parque os recursos hídricos são poucos, destaca-se a Fonte do Miritiepé localizada na Serra do Paituna. Na parte sul de Monte Alegre há muitos lagos, sendo o mais importante o Lago Grande com 35 km de largura.

No município de Monte Alegre há dezenas de cachoeiras na bacia do Maicuru, muitas em áreas de difícil acesso. A mais conhecida cachoeira de toda a região é a cachoeira do Paraíso, na bacia do igarapé Ambrosinho, afluente do Maicuru, mas já na porção centro-oeste do município.

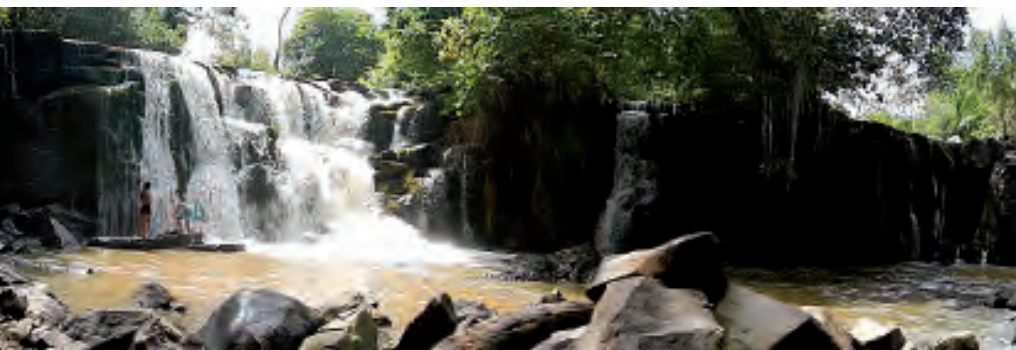
Rio Gurupatuba
em frente à cidade
de Monte Alegre



Rio Maicuru



Cachoeira
das Pedras



A importância de Monte Alegre para a arqueologia brasileira



Sítios mais antigos do Brasil
(entre 11 e 9 mil anos antes do presente)

A arqueologia de Monte Alegre é uma peça fundamental no grande quebra-cabeça que é a reconstrução da ocupação humana pré-colonial do continente americano. As pesquisas realizadas em sítios arqueológicos do PEMA têm gerado grandes debates tanto sobre a antiguidade e rotas de entrada dos primeiros habitantes nas Américas, como também sobre o papel da Amazônia no desenvolvimento das várias culturas indígenas que floresceram no continente.



Escavações
na Caverna da
Pedra Pintada
realizadas
pela equipe
do Museu
Goeldi

Por muito tempo, a região amazônica foi considerada uma grande floresta virgem e intocada. Seus tradicionais habitantes indígenas teriam habitado pequenas aldeias isoladas na floresta, com uma história bem recente. O impacto desta ocupação indígena sobre a paisagem teria sido mínimo, bem diferente do que se conhecia para outras áreas do continente americano, com grandes cidades, templos, pirâmides, como as regiões montanhosas dos Andes e da Mesoamérica. Assim, a Amazônia, desde muito cedo foi considerada uma região marginal em termos de desenvolvimento cultural, talvez uma das últimas a serem ocupadas na pré-história do continente. Mas graças às pesquisas arqueológicas dos últimos 30 anos podemos reescrever esta história de forma bem diferente, a começar

pelas teorias sobre a entrada das primeiras populações humanas no continente e a terminar com a estimativa de uma população de seis milhões de índios vivendo na Amazônia à época da chegada dos europeus.

Ao longo de muitas décadas, se acreditou que os primeiros povos das Américas, os paleoíndios, teriam chegado pelo norte do continente por volta de 10 mil anos atrás, quando o estreito Bering, que hoje separa a Sibéria do Alaska, teria congelado e proporcionado uma “ponte” entre o continente asiático e o americano. Estes primeiros povos ao adentrarem as Américas teriam migrado pelas montanhas rochosas e depois pela cordilheira dos Andes até a América do Sul. Os sítios mais antigos, datados por volta de 10 mil anos, próximo a uma cidade chamada Clovis nos Estados Unidos, apresentam instrumentos de pedra lascada bem característicos, incluindo as pontas de flecha acanaladas, hoje conhecidas pelos arqueólogos como “pontas Clovis”. Acredita-se que esses paleoíndios eram especializados na caça de grandes animais (hoje extintos), como os mamutes e tigres dente de sabre. As terras baixas, com florestas tropicais como a Amazônia, não teriam sido propícias para estes caçadores especializados.

Contudo, as escavações realizadas na Caverna da Pedra Pintada dentro do PEMA, primeiro em 1992 pela equipe coordenada pela norte-americana Anna Roosevelt, e depois em 2014 pela equipe do Museu Goeldi coordenada por Edithe Pereira, vieram mudar este cenário e

contribuir para a formulação de novas hipóteses. Na Caverna da Pedra Pintada foram encontrados vestígios de ocupação humana datados de 12 mil anos atrás, incluindo pontas de flecha de formas distintas, bem diferentes da “ponta Clovis”.

Além disso, foram encontrados uma variedade de outros instrumentos e restos alimentares que mostram que estes paleoíndios podiam sim viver de recursos da floresta tropical, com uma dieta bem variada, baseada na caça de animais de todo porte, peixes, aves e muitas das frutas da floresta, inclusive de palmeiras. Hoje outros sítios antigos são conhecidos nas terras baixas brasileiras, mas a Caverna da Pedra Pintada continua sendo o único sítio conhecido na Amazônia datado da transição entre o Pleistoceno e o Holoceno. Estes dados, juntamente com análises de restos ósseos humanos encontrados em sítios igualmente antigos no planalto central que lidam tanto com a morfologia dos crâneos como com o DNA, permitiram a formulação de outras hipóteses sobre a entrada dos primeiros humanos no continente americano, considerando a possibilidade de outras levadas migratórias mais antigas e também de outras rotas e caminhos de dispersão pelo continente, incluindo a Amazônia.

Hoje, a região de Monte Alegre é considerada uma peça chave para comprovarmos que a região amazônica, ao contrário de ter sido uma área marginal à ocupação humana do continente, teve um papel primordial nesta história de no mínimo 12 mil anos de duração. Além de ser um dos sítios mais antigos das Américas, é também em Monte Alegre que encontramos restos de cerâmicas milenares, talvez as mais antigas das Américas. Também as pinturas rupestres nos mostram como os povos indígenas vêm deixando suas marcas na paisagem há 12 mil anos. Isso vem ao encontro de outros achados por toda a região Amazônica que mostram modificações substanciais da paisagem pela ação humana em tempos pré-coloniais, como os aterros artificiais do Marajó, os sítios com megalitos do Amapá, os campos elevados das Guianas, os geoglifos do Acre, sem falar nas extensas terras pretas de índio e nas florestas manejadas cumulativamente por milênios antes da chegada dos europeus. Enfim, graças à Monte Alegre podemos hoje construir uma história de longa duração do continente, a partir de uma perspectiva mais sul americana, brasileira e amazônica.

Pontas de flecha encontradas nas escavações realizadas na Caverna da Pedra Pintada



Descobrindo e divulgando a arqueologia de Monte Alegre

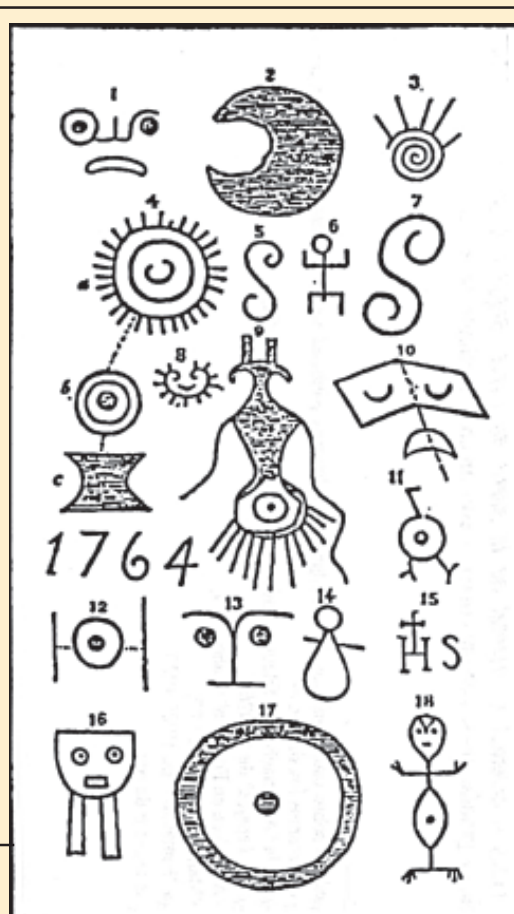
1848 O naturalista inglês Alfred Wallace percorreu a região de Monte Alegre e visitou vários locais com pinturas rupestres. Ele desenhou as pinturas que mais lhe chamaram a atenção, mas acabou perdendo suas anotações durante um incêndio no navio no qual regressava para a Inglaterra.

1870 Charles F. Hartt, geólogo canadense explorou a serra do Ererê
1871 e reproduziu as pinturas rupestres de alguns sítios.

Suas observações e desenhos foram publicados em 1871 na revista *The American Naturalist* sob título *Brazilian rock inscriptions*. Este artigo apresenta pela primeira vez a reprodução dos desenhos pintados nas rochas, a sua descrição, a técnica empregada para sua elaboração e seu estado de conservação. Além disso, Hartt ainda arrisca uma cronologia para as pinturas.

1875 Charles Hartt retorna a Monte Alegre para realizar estudos geológicos e volta a mencionar as pinturas rupestres da região.

1895 A Revista do Instituto Archeologico e Geográfico de Pernambuco publicou a versão em português do artigo *Brazilian rock inscriptions*, de Charles Hartt, sob o título de "Inscrições em Rochedos do Brasil".



1924 O antropólogo Curt Nimuendajú visitou Monte Alegre e documentou pinturas rupestres existentes dos sítios Serra da Lua, Serra do Sol e Pedra do Mirante, na serra do Ererê, e Caverna da Pedra Pintada, na serra do Paituna.



1933 O geólogo Friedrich Katzer, publica seu estudo sobre a geologia do Pará e nele menciona ter encontrado no setor norte da serra do Ererê um grande bloco com inscrições indígenas.



Fig. 1 - A Serra do Ererê, entre as Serras do Arari e do Múniro, na zona de Montanhas de Monte Alegre.



Fig. 12 - Pinnacles do eroso do antigo ao longo da Serra do Ererê. A) esquerda, na frente, blocos entrados de colunas desestruturadas. A) direita, uma casaca, resto do eroso.

- 1954** Manfred Rauschert, antropólogo alemão, visitou Monte Alegre
- 1955** publicando posteriormente informações sobre pinturas rupestres nas serras do Ererê (serra do Sol e serra da Lua) e Paituna.
- 1984** Integrantes do Grupo Espeleológico Paraense (GEP) visitam Monte Alegre para estudar as grutas da região e registram vários sítios com pinturas rupestres.
- 1986** O arqueólogo uruguaio Mario Consens visitou Monte Alegre com objetivo de fazer um levantamento do potencial arqueológicos da região e, a partir das indicações do GEP, documentou seis sítios com pinturas rupestres nas serras do Ererê, Paituna e Bode. Em 1989 ele publicou os resultados da sua viagem apresentando comentários gerais sobre técnica, cores, superposições, conservação, discorrendo sobre uma possível cronologia para as pinturas. Apresentou também os decalques que fez para três dos seis sítios documentados.
- 1989** A arqueóloga Edithe Pereira inicia pesquisas sistemáticas para localização de sítios, documentação e estudo das pinturas rupestres de Monte Alegre.
- 1996** A arqueóloga Anna Roosevelt publica os resultados das escavações que realizou na Caverna da Pedra Pintada revelando uma ocupação humana neste sítio de 11.200 anos antes do presente.
- 1996** Edithe Pereira apresenta sua tese de doutorado na Universidade de Valencia, Espanha, sob o título *Las pinturas y los grabados rupestres del noroeste de Pará, Amazonía, Brasil*. Nesse trabalho são apresentados a classificação e o estudo de 14 sítios com arte rupestre em Monte Alegre.
- 2001** Criação do Parque Estadual Monte Alegre através da Lei nº 6.412, 9 de novembro de 2001.
- 2009** Elaborado o Plano de Manejo do Parque Estadual Monte Alegre.
- 2010** Elaborado o “Projeto básico e especificações técnicas para elaboração de projetos de socialização de sítios arqueológicos na Amazônia: musealização, educação e turismo” que visa a criação de infraestrutura adequada nos sítios com pinturas rupestres da área do PEMA e ações que estimulem os visitantes a conhecer, valorizar e preservar os vestígios materiais deixados pelas antigas populações que habitaram a região.

2012 Nesse período é executado o projeto “Arte rupestre de Monte Alegre –
2013 difusão e memória do patrimônio arqueológico” coordenado pela arqueóloga Edithe Pereira. Através desse projeto Monte Alegre recebeu, pela primeira vez, uma exposição sobre a arte rupestre da região com 15 aquarelas de Mario Baratta¹, além de serem publicados dois livros² e um vídeo sobre o assunto³.



2012 Tem início o projeto de pesquisa “A ocupação pré-colonial de Monte Alegre
atual – Pará”, coordenado pela arqueóloga Edithe Pereira com objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a ocupação humana antiga nessa região.

2012 Marcela Nogueira de Andrade defende sua dissertação de Mestrado na Universidade Federal do Piauí sob o título “Conservação integrada do patrimônio arqueológico: uma alternativa para o Parque Estadual Monte Alegre – Pará – Brasil”.

¹ Veja as aquarelas em https://issuu.com/museu-goeldi/docs/aquarelas_mariobarata

² Leia a versão e-book dos livros em <http://www2.museu-goeldi.br/arqueologiamontealegre/index.php/publicacoes>

³ Assista ao vídeo em <http://www.museu-goeldi.br/portal/content/imagens-de-gurupatuba>

2013 É lançado pelos correios do Brasil o selo “A história contada na pedra – a arte rupestre da Amazônia”. O selo é ilustrado com pinturas rupestres de Monte Alegre.

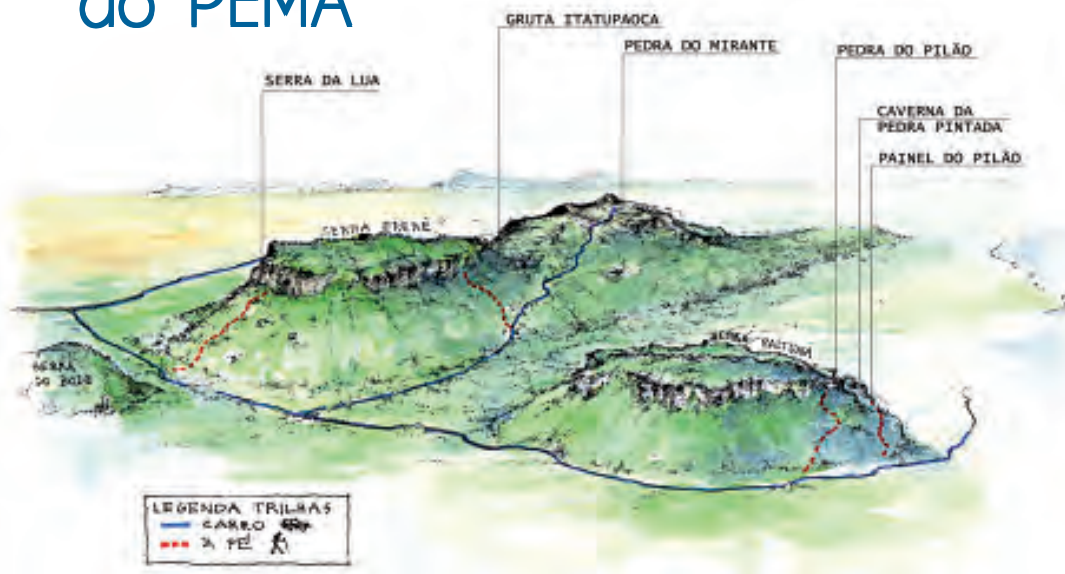


2014 Arenildo Silva apresenta sua dissertação de mestrado na Universidade Federal do Pará, sob o título “Pelas trilhas dos filhos do Sol e da Lua: memórias das Pinturas Rupestres de Monte Alegre, Pará, Amazônia, Brasil”

2014 Christopher Sean Davis apresenta sua tese de doutorado na Universidade de Illinois, Chicago (USA) sob o título *Archaeoastronomy of terminal Pleistocene Rock Art on the Amazon River at Monte Alegre, Pará, Brazil*.

2016 Walquiria Mélo de Moraes apresenta seu trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará sob o título “As pinturas rupestres de Monte Alegre – um documentário sobre fragmentos dos primeiros homens na Amazônia.”

Os sítios arqueológicos do PEMA



A serra do Ererê e seus sítios

• Serra da Lua

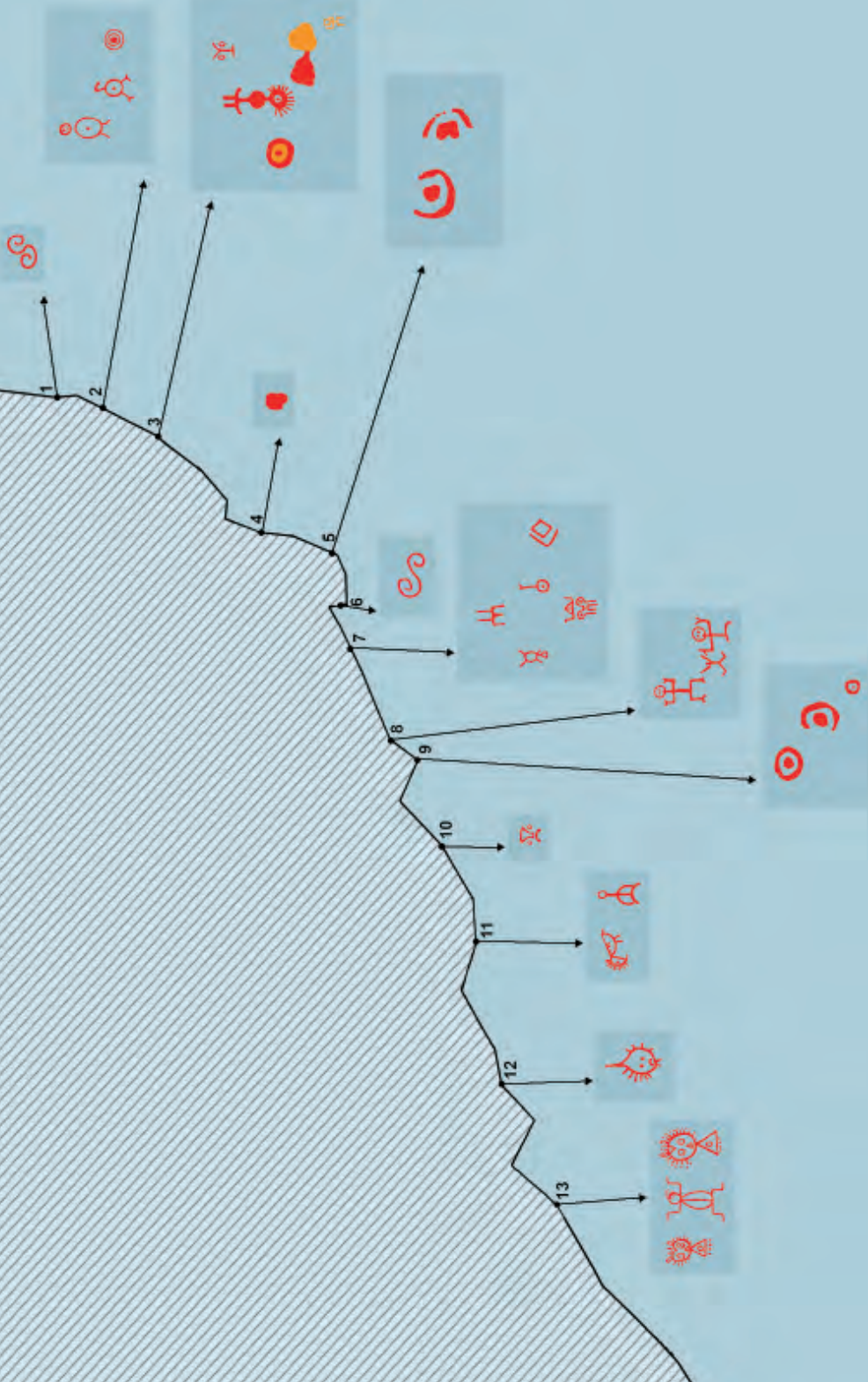
É o nome dado ao sítio que está localizado na extremidade Oeste da serra do Ererê. Neste sítio há mais de 300 figuras pintadas distribuídas pelas paredes da encosta da serra ao longo de 360 metros. Figuras humanas, de animais, impressões de mãos em positivo com a palma desenhada e muitas formas geométricas compõem o inventário de figuras deste sítio.

A área definida para visitação pública deste sítio corresponde apenas aos primeiros sessenta metros. Os painéis aqui reproduzidos estão dentro dessa área e visam auxiliar o visitante na identificação dos principais motivos pintados.

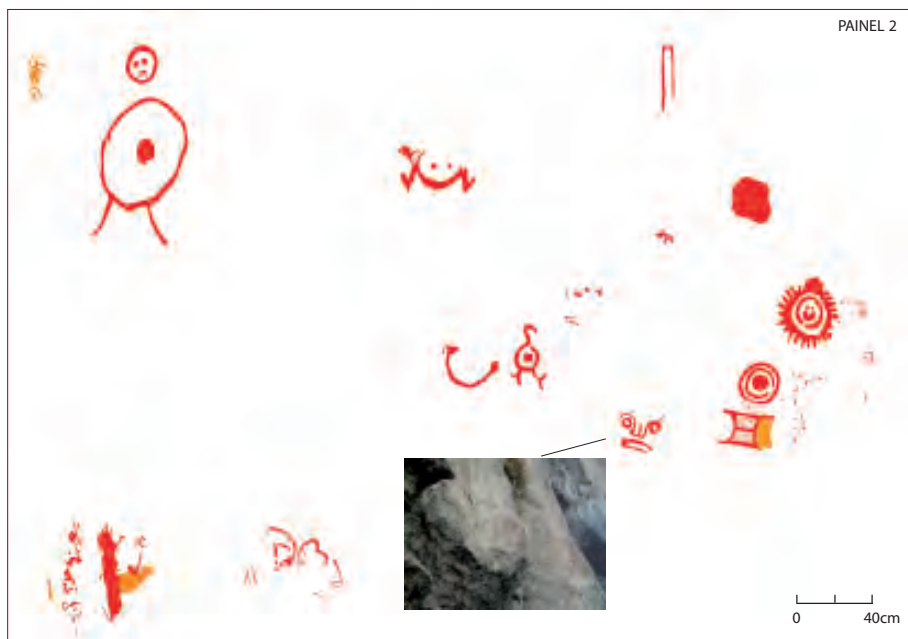








Distribuição dos painéis com pinturas rupestres do sítio Serra da Lua



Há cerca de 3 metros à direita do conjunto principal, existe outro com algumas figuras esmaecidas e outras bastante nítidas. Uma grande figura antropomorfa com sua cor esmaecida está localizada na parte mais alta do painel. Destacam-se a representação de uma ave, um círculo concêntrico e um rosto sorridente cujo contorno da cabeça é todo raiado. Chama a atenção uma representação de rosto que ganhou volume por ter sido elaborada aproveitando uma protuberância da rocha.



Desde a base da Serra do Ererê onde tem início a trilha de acesso ao sítio Serra da Lua já é possível ver o principal conjunto de pinturas que se destaca pelo tamanho de algumas figuras e pela intensidade das cores. Nele estão representados rostos, círculos, figuras antropomorfas, mãos em positivo (algumas com a palma desenhada) e formas complexas como a da maior figura do painel. Escondido em um pequeno nicho, o ano de 1764 foi pintado naquele ano por algum visitante.



A 16 metros a esquerda do conjunto principal de pinturas encontra-se esse grupo de pinturas formado por dois grandes círculos e um conjunto de mãos em positivo.

Continuando a trilha e a 4 metros do conjunto anterior encontra-se a figura ao lado – uma voluta – que está localizada na parede ao lado de uma fenda da rocha.



Seguindo a trilha e a cinco metros da figura anterior há um conjunto de figuras distribuídas de forma irregular sobre a rocha. A figura mais alta está parcialmente apagada na sua parte superior e ao seu lado há um círculo. Dentre as figuras destaca-se a representação de uma tartaruga.

PAINEL 8

Seguindo a trilha e a oito metros do conjunto anterior observa-se esse painel formado por antropomorfos (na parte superior) e por uma composição gráfica cuja figura central sugere ser um biomorfo.



PAINEL 9

A dois metros do conjunto anterior há um painel onde se destacam três círculos e uma pequena figura biomorfa.



As figuras abaixo ocorrem em sequência, mas com distâncias e alturas variadas em relação ao solo. A primeira é a representação de um pequeno rosto expressando tristeza; as duas seguintes são um biomorfo e uma ave; a terceira é um rosto expressando tristeza; o último conjunto é formado por figuras biomorfas e manchas.



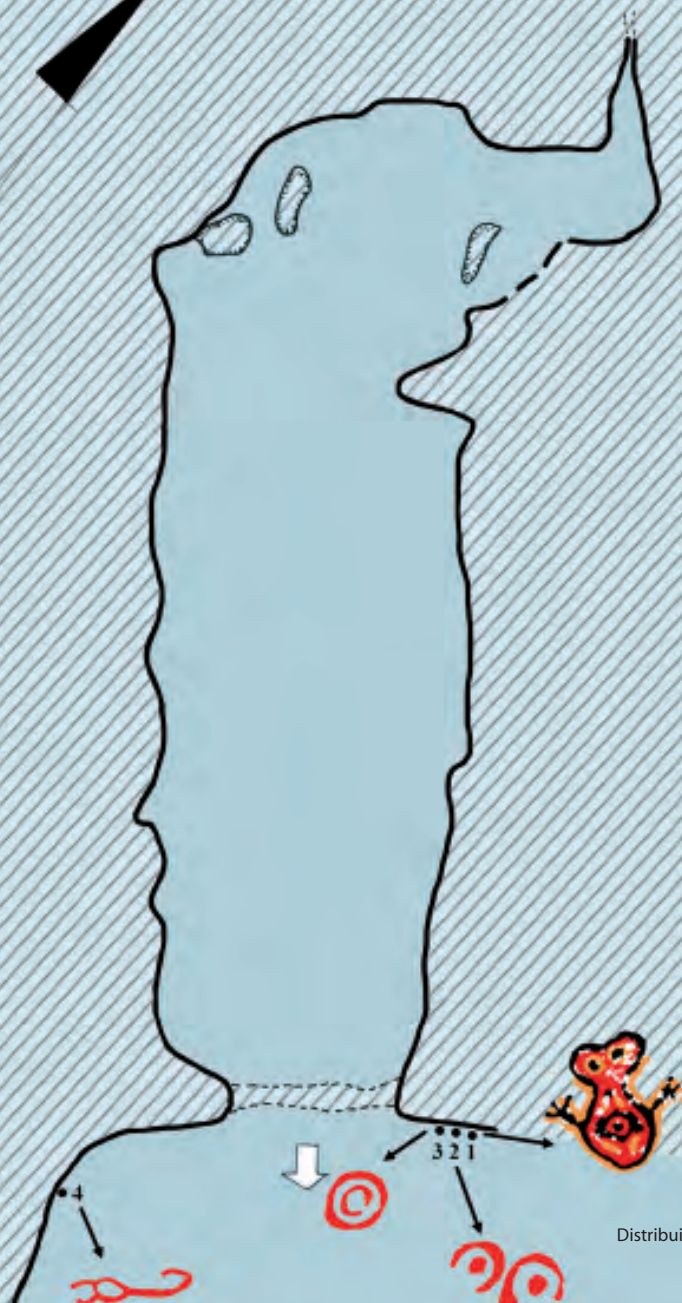
• Gruta Itatupaoca

Está localizada na vertente Sul da serra do Ererê e a primeira menção a sua existência foi feita pelo naturalista inglês Alfred Wallace na primeira metade do século XIX. Ao descrever essa gruta, Wallace chama a atenção para a laje suspensa que existe na entrada da cavidade e explica que a sua existência é resultado da erosão que desgastou as partes menos resistentes, deixando apenas as camadas mais duras da rocha. Nas décadas de 1970 e 1980 eram realizadas missas no interior dessa gruta e por isso o local passou a ser conhecido pelo nome de Capela.

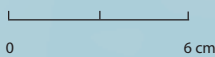
As pinturas encontram-se nas paredes externas da gruta, tanto à direita quanto à esquerda da entrada da cavidade. Há pinturas também no bloco rochoso situado próximo à entrada, porém são pouco visíveis. São poucas as pinturas nítidas neste sítio, entre elas destacam-se a figura de um escorpião, a representação de olhos que foi elaborada aproveitando duas pequenas concavidades da rocha e um biomorfo pintado em três cores (preto, vermelho e amarelo) que é a única figura tricolor encontrada até o momento na região.

Ilustração feita pelo geólogo Friederich Katzer na década de 1930 e imagem atual.





Distribuição das pinturas rupestres
do sítio Gruta Itatupaoca



PAINEL 1



0 20 cm

PAINEL 2



0 20 cm

PAINEL 3



0 20 cm

PAINEL 4



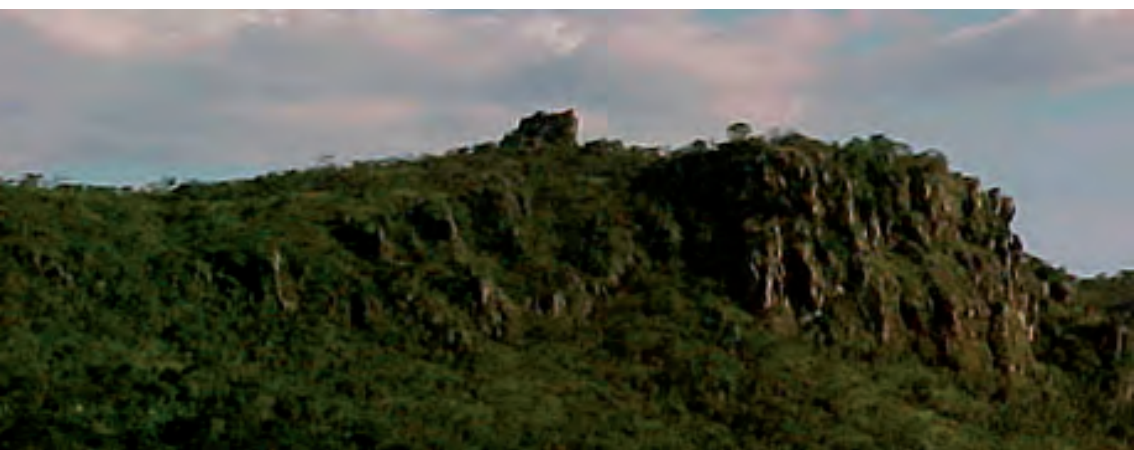
0 20 cm



• Pedra do Mirante

Está localizada na extremidade leste, no topo da serra do Ererê. Trata-se de um enorme bloco rochoso que se destaca na paisagem podendo ser visto desde longas distancias. Na base dessa rocha encontram-se várias pinturas que foram mencionadas pela primeira vez em 1848 pelo naturalista Alfred Wallace. No século XIX o geólogo Charles Hartt visitou a Pedra do Mirante e reproduziu algumas figuras pintadas. No início do século XX o geólogo Friederich Katzer observou as pinturas deste sítio, mas o que lhe chamou a atenção foram os ossos humanos que encontrou em uma pequena cavidade próximo às pinturas o que lhe levou a concluir que este local seria uma espécie de cemitério onde estavam enterrados chefes indígenas.

O painel principal deste sítio mede 3,50 x 5,00 metros e contém diversas figuras. Ao seu redor há algumas pinturas isoladas. A maior parte das figuras foi elaborada na cor vermelha, mas há algumas elaboradas com duas cores (bicromia), a vermelha e a amarela.





PAINEL 1



PAINEL 3



PAINEL 4



PAINEL 2



0 20 cm



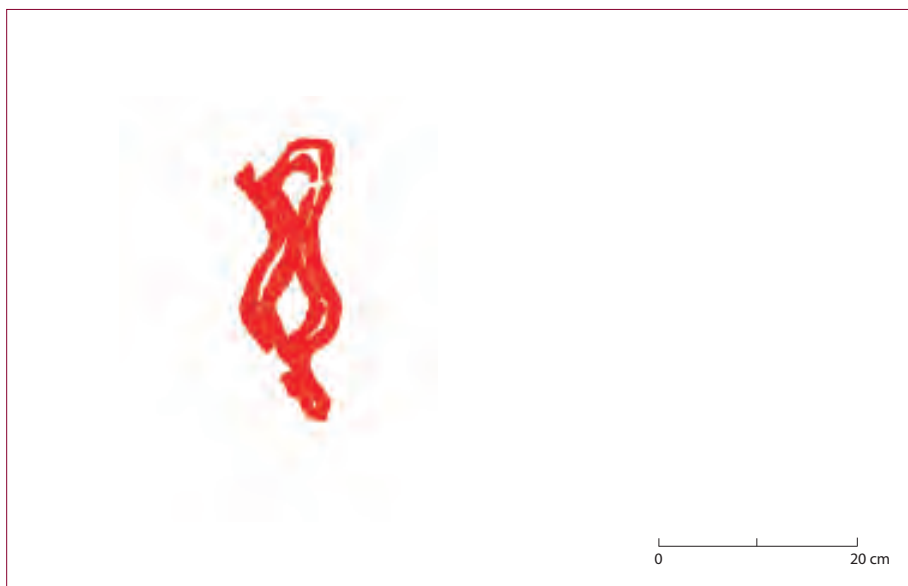
A serra do Paituna e seus sítios

- Pedra do Pilão

É um dos locais mais visitados na serra do Paituna. A monumentalidade do bloco rochoso que se ergue no topo da serra e a belíssima vista que se tem da região são os principais atrativos desse lugar. Em uma das paredes dessa rocha há pinturas em vermelho e em amarelo. A maioria delas está desgastada e apenas uma se destaca pela vivacidade da cor.







• Painei do Pilão

Neste sítio há um conjunto com dezenas de pinturas rupestres distribuídas em uma área aproximada de 6 x 15 metros em um paredão a céu aberto. As pinturas podem ser vistas desde a estrada que dá acesso ao sítio. Estando neste sítio é possível ter uma bela vista da região.



Estas figuras estão situadas acima do grande painel com pinturas do sítio Pedra do Pilão. Ele apresenta pelo menos três figuras biomorfas, algumas mãos em positivo e formas geométricas diversas.





Este é o principal conjunto de figuras do sítio Painel do Pilão. As pinturas, nas cores vermelha e amarela, apresentam inúmeras formas geométricas, várias impressões de mãos em amarelo e vermelho, uma figura geométrica bicroma elaborada em uma parte quebrada da rocha, um rosto com os olhos representados. Um grande conjunto de quadrados preenchidos com 'X' é o grande destaque desse painel.





• Caverna da Pedra Pintada

É o nome mais popular do lugar onde antigas populações indígenas viveram há mais de 12 mil anos atrás. Regionalmente essa caverna é conhecida também pelos nomes de Gruta do Pilão ou Furna do Pilão.

A Caverna da Pedra Pintada é um dos sítios mais antigos da Amazônia. A maioria das pinturas encontra-se nas paredes de entrada e no teto da caverna, no entanto, há algumas localizadas em locais escuros onde só é possível vê-las com luz artificial. Neste sítio encontram-se também pinturas que foram elaboradas aproveitando o suporte para compor a figuras. Vale a pena observar algumas figuras como o peixe-boi, a carinha triste e o rosto cujo contorno da cabeça é uma fratura da rocha e a grande serpente.









Distribuição dos principais painéis de pinturas rupestres do sítio Caverna da Pedra Pintada

Este é o primeiro conjunto de pinturas que se observa no sítio. Há várias formas geométricas elaboradas a partir de volutas e círculos, uma figura humana completa e representações de rostos sem o contorno da cabeça e expressando tristeza. Parte desse painel foi destruído por um trator quando da abertura da estrada de acesso ao sítio.

PAINEL 1



Esse conjunto de pinturas só pode ser visto com ajuda de luz artificial, pois estão em uma área de penumbra em uma galeria da caverna. Destacam-se a grande figura humana representada de cabeça para baixo e os dois rostos situados acima dela.

PAINEL 2



Este painel está localizado na parede oposta ao primeiro painel. Nele se destacam a figura de um peixe-boi na parte superior, um círculo concêntrico, volutas espelhadas e um rosto com olhos e boca elaborado a partir de uma pequena reentrância da rocha que serve de contorno para a cabeça.

PAINEL 3



Na sequência inferior do painel anterior, na parede externa da caverna, encontra-se esse conjunto de pinturas onde se destacam, da direita para a esquerda: traços que contornam um orifício, a representação de um sapo e de uma cobra, uma figura antropomorfa com olhos e orelha e o tronco decorado sugerindo pintura corporal.



Características das pinturas rupestres de Monte Alegre



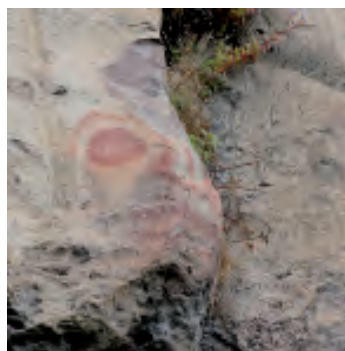
As pinturas rupestres nas serras do Ererê e do Paituna estão localizadas em extensos paredões a céu aberto, em abrigos e grutas. O número de figuras pintadas em cada sítio é bastante variado. Em alguns, como a Serra da Lua, existem mais de 300, em outros há apenas três figuras.

Nas grutas, as pinturas se localizam tanto nas paredes externas como em seu interior. Em alguns casos, como na Caverna da Pedra Pintada, há pinturas situadas em locais com pouca iluminação e que precisam de luz artificial para serem vistas.

A maior parte das pinturas ainda mantém as cores bastante nítidas e estão bem conservadas. Devido ao seu tamanho e a intensidade das cores, algumas figuras podem ser vistas desde longas distâncias. O destaque dado a essas figuras sugere que houve uma intencionalidade de seus autores para que elas pudessem ser vistas desde grandes distâncias, talvez indicando a importância destes lugares.

Determinadas formas da rocha como protuberâncias, cavidades, reentrâncias e arestas foram utilizadas algumas vezes para dar volume ou contribuir na composição das figuras. Essas características podem ser vistas em determinadas figuras na Serra da Lua, na Caverna da Pedra Pintada, na Gruta Itatupaoca e no Paineiro do Pilão.





Serra
da Lua



Gruta
Itatupaoca





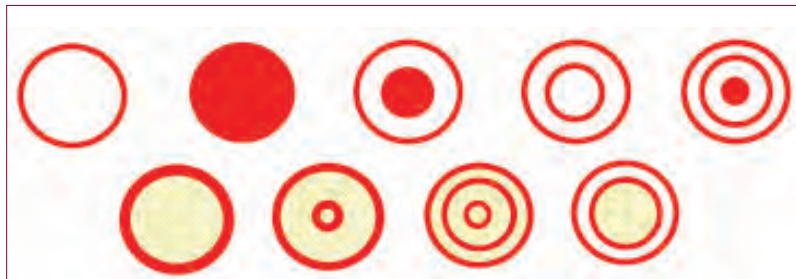
Caverna
da Pedra
Pintada

Os temas

São cinco os temas representados nas pinturas rupestres de Monte Alegre: as formas geométricas, as representações humanas (ou antropomorfos), as representações de mãos, as representações de animais (ou zoomorfos) e os biomorfos.

- **FORMAS GEOMÉTRICAS** - Nesta categoria estão incluídas uma infinidade de formas. Algumas, como o círculo e as volutas, são recorrentes, mas a maioria aparece representada uma única vez.

- **CÍRCULOS** - Os círculos têm tamanhos diversos, desde muito pequenos até enormes formas que podem ser vistas desde grandes distancias como na Serra da Lua. A forma de preenchimento dos círculos é bastante variada e algumas vezes há uma combinação entre as cores vermelha e amarela para a composição da figura.



Diferentes
tipos de
círculos
encontrados
nos sítios de
Monte Alegre

As volutas foram representadas de duas maneiras: uma única figura ou duas contrapostas (ou espelhadas) quase sempre com um círculo entre elas.



- GEOMÉTRICOS COMPLEXOS - Os geométricos complexos têm em comum apenas a complexidade da forma. No entanto, nenhuma forma é igual a outra. O suporte às vezes é utilizado para compor a figura.



- COMPOSIÇÕES GRÁFICAS - Trata-se de um conjunto de figuras estruturadas de acordo com um padrão formado por uma figura central e duas laterais que se contrapõem entre si. Exemplos dessas composições podem ser vistas nos sítios Serra da Lua e Pedra do Mirante.



• **ANTROPOMORFOS** - Em Monte Alegre as figuras humanas ocorrem em grande quantidade e se apresentam de duas maneiras: de forma completa - quando as três partes do corpo (a cabeça, o tronco e os membros) estão representadas - e a representação exclusiva da cabeça.

Nestas figuras, a característica principal é a representação dos elementos faciais (olhos, boca, nariz) que chamam a atenção algumas vezes por expressarem diferentes fisionomias.



Entre os antropomorfos que tem somente a cabeça representada, alguns não têm o contorno da cabeça, apenas os elementos faciais que podem ser olhos, nariz, boca e sobrancelha ou olhos e boca ou apenas os olhos.



• AS MÃOS - A impressão de mãos é um tema comum entre as pinturas de Monte Alegre. Para fazer essa impressão, a mão era embebida na tinta e plasmada diretamente sobre a rocha. Algumas mãos apresentam motivos geométricos como espirais e círculos concêntricos desenhados na palma. Nos sítios Serra da Lua, Caverna da Pedra Pintada e Paineira do Pilão há várias mãos impressas nas cores vermelha e amarela.



• OS ZOOMORFOS - Os animais representados nas pinturas rupestres foram identificados como aves, peixes, serpentes, quadrúpedes, escorpião, sapos, lagartos, peixe-boi e tartaruga. Algumas figuras são muito esquemáticas e por isso não permitem informações mais precisas como o caso daqueles identificados como quadrúpedes. A Serra da Lua e a Gruta do Pilão são os sítios que tem a maior quantidade e diversidade de animais representados.



As cores e as técnicas

A cor vermelha foi a mais utilizada para confeccionar as figuras. Há, em menor quantidade figuras elaboradas nas cores amarela e preto. A maioria das figuras foi feita em uma só cor, mas existem também motivos elaborados com duas cores (vermelho e amarelo) e, até o momento, uma única figura com três cores. Esta figura está localizada no sítio Gruta Itatupaoca.

A pintura foi a técnica utilizada pelas antigas populações indígenas para registrar as figuras encontradas nas serras de Monte Alegre. O pigmento (tinta) foi elaborado utilizando recursos existentes na natureza. As cores vermelha e a amarela, por exemplo, são obtidas, geralmente, a partir de minerais como o óxido de ferro, enquanto a cor preta pode ser obtida a partir do carvão ou de óxido de manganês

Para dar ao pigmento uma consistência líquida ou pastosa foi acrescentado a matéria prima alguma substancia líquida que deu consistência ao pigmento. Os desenhos elaborados com esse tipo de tinta podem ter sido aplicados na rocha utilizando os dedos ou algum instrumento elaborado ou adaptado para esse fim.

Figura elaborada
com três cores – sítio
Gruta Itatupaoca



A cronologia das pinturas rupestres



Pesquisas realizadas na década de 1990 por Anna Roosevelt revelaram datas bastante antigas para a ocupação humana em Monte Alegre. As escavações realizadas na Caverna da Pedra Pintada evidenciaram que este lugar foi ocupado de forma descontínua desde 11.200 anos atrás chegando até 430 antes do presente.

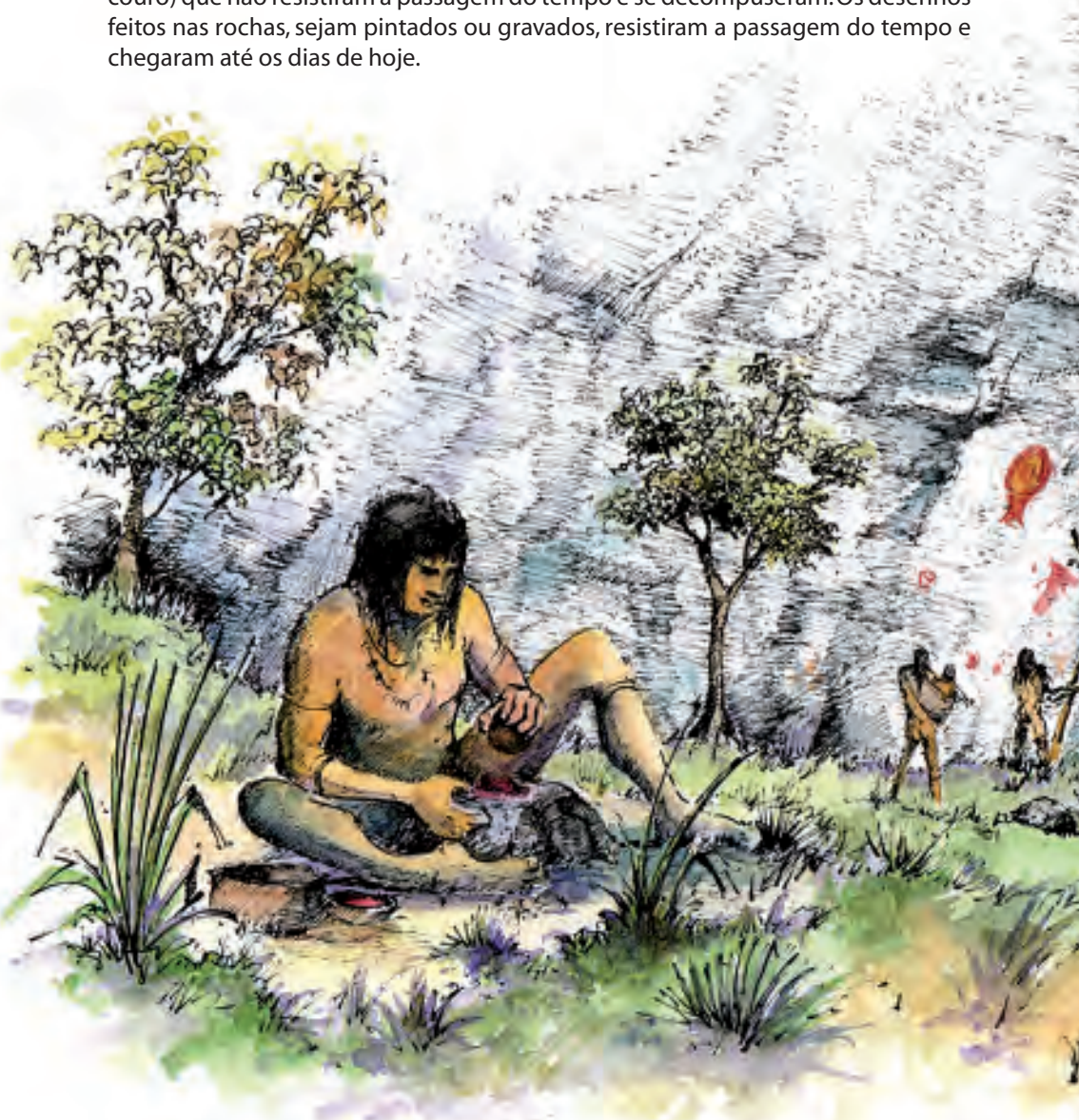
A data de 11.200 anos atribuída por Roosevelt para as pinturas rupestres foi feita de forma indireta, ou seja, as pinturas não foram datadas mas associadas a presença de pigmentos encontrados nos níveis mais antigos da escavação. Como a composição química desses pigmentos era similar a das pinturas situadas nas paredes da gruta e nos fragmentos de parede pintada encontrados na estratigrafia foi estabelecida a relação temporal entre eles.

Escavações recentes na Caverna da Pedra Pintada realizadas pelo Museu Goeldi sob a coordenação de Edithe Pereira revelaram que a ocupação humana neste sítio é ainda mais antiga, alcançando 12 mil anos. A prática de pintar nas paredes rochosas de Monte Alegre parece realmente ser bastante antiga. No entanto, o que ainda não se pode distinguir, considerando as variações estilísticas existentes, quais as pinturas antigas e quais as recentes.

Estudos recentes têm procurado datar as pinturas a partir do método de análise comparativa entre os motivos das pinturas rupestres e os da cerâmica provenientes de Monte Alegre e arredores. Foram identificadas várias semelhanças temáticas e estilísticas entre motivos rupestres e o que decoram a cerâmica da região indicando a que alguns motivos rupestres, principalmente os antropomorfos, podem ter sido realizados por povos ceramistas tardios entre 1.000 a.C e 1000 d.C.

Os sentidos e significados da arte rupestre

Ao longo da sua trajetória na terra a espécie humana desenvolveu diversas formas de expressão simbólica. Muitas não se conservaram porque eram efêmeras, como o canto e a dança, outras porque foram feitas em materiais perecíveis (madeira, couro) que não resistiram a passagem do tempo e se decompuseram. Os desenhos feitos nas rochas, sejam pintados ou gravados, resistiram a passagem do tempo e chegaram até os dias de hoje.



No entanto, o seu significado ficou perdido no tempo uma vez que os seus autores – detentores dos códigos que davam sentido e significado aos motivos plasmados nas rochas – não mais existem.

Cada povo constrói seus próprios códigos sociais e culturais e que são perfeitamente reconhecidos dentro de sua cultura, mas que são incompreensíveis para quem é externo a ela. No caso da arte rupestre, as formas criadas há centenas de anos atrás por povos que hoje não existem mais, são impossíveis de serem decifradas. De uma complexa rede simbólica vinculada às tradições culturais de um determinado povo o que se conservou até os dias de hoje foram as formas pintadas/gravadas nas rochas as quais reconhecemos a partir de nosso referencial moderno e ocidental.

Existem formas que são universais, ou seja, elas aparecem em vários lugares do mundo sem que os povos que as desenharam tenham tido qualquer contato. Círculos, cruzes, espirais, zig-zag são algumas dessas formas e o significado de cada uma delas vai variar de acordo com o povo que a produziu. É preciso, portanto, bastante cautela e evitar interpretações sobre o significado da arte rupestre.



Para além das pinturas rupestres: outros vestígios arqueológicos na área do PEMA



As pinturas rupestres não são os únicos vestígios deixados pelos antepassados indígenas na área do PEMA. Outra importante marca deixada na paisagem são **as terras pretas de índio**, ou terras pretas antropogênicas (TPA). Como o nome indica, são lugares com solos escuros, ricos em materiais orgânicos e que, via de regra, correspondem a lugares ocupados no passado, quase sempre antigas aldeias indígenas onde o lixo ali acumulado, as fogueiras, queimadas e outras atividades foram contribuindo para deixar o solo mais escuro e fértil.

No PEMA conhecemos alguns sítios a céu aberto com TPA e que apresentam também fragmentos de cerâmicas, lascas e instrumentos de pedra, além de restos de fogueira com sementes e outros restos vegetais carbonizados.

As terras pretas existem por quase toda a bacia amazônica e é um indício importante do grande número de assentamentos humanos que existiram no passado. Junto às terras pretas, outra marca importante deixada na

Pesquisa arqueológica da equipe do Museu Goeldi em sítio arqueológico com terra preta. Sítio Santana.



Coleta de fragmentos cerâmicos em terra preta retirada da superfície do sítio para abertura de estrada.



Escavação mostrando perfil com camada arqueológica de terra preta.



Área conhecida como Campos do Marajói, onde foi encontrado um sítio arqueológico com terras pretas e cerâmicas

paisagem são as plantas que foram selecionadas ou plantadas no entorno das aldeias por fornecerem algum recurso importante: frutas, raízes ou ervas usadas para a alimentação ou para uso medicinal.

Áreas com grandes concentrações de árvores e com frutos ou nozes comestíveis (como palmeiras, castanheiras, etc.) muitas vezes são resultado de uma seleção ou manejo feito cumulativamente pelo homem.

Nos sítios arqueológicos, tanto em abrigos e cavernas como à céu-aberto, os principais restos estudados pelos arqueólogos são os materiais líticos (instrumentos e restos da confecção de instrumentos em pedra lascada ou polida) e cerâmicas.

Os materiais líticos mais antigos encontrados na região do PEMA foram os escavados nos níveis mais profundos da Caverna da Pedra Pintada, entre 12 e 9 mil anos atrás. Apesar de muito antigos, este material demonstra um alto grau de conhecimento técnico. Foram encontrados não só os instrumentos prontos como pontas de flechas, raspadores, lascas com gumes cortantes que podem ter servido de faca, mas também todo o restante do material que sobrou dos desbastes dos blocos de rocha trabalhados.

Analisando a técnica de desbaste a partir destes vestígios de obtenção de lascas ou outros suportes para fazer os instrumentos e também dos retoques feitos nas bordas para a obtenção de gumes com ângulos e resistências específicas, podemos dizer que estes habitantes mais antigos detinham um grande conhecimento tecnológico na arte de lascar a pedra. Esse conhecimento começava pela escolha das rochas a serem lascadas, como o sílex e o quartzo, que, ao contrário do arenito que é mais abundante na região, são matérias primas que permitem um melhor controle no lascamento para se produzir exatamente a forma e gumes do instrumento planejado. Neste período, o lascamento foi feito por percussão macia, isto é, utilizando materiais orgânicos para se bater no bloco e retirar lascas. Estes percutores poderiam ter sido de chifre ou outro material resistente, porém não tão duro quanto outra rocha.

Em períodos mais recentes e, sobretudo após a introdução da tecnologia cerâmica, por volta de 3 a 4 mil anos atrás, os instrumentos líticos passam a ser feitos sobre matérias primas menos qualificadas, como o folhelho e ficam mais grosseiros e menos abundantes.

Outro tipo importante de vestígio arqueológico é a cerâmica. Em Monte Alegre temos o registro de cerâmicas muito antigas, talvez entre as mais antigas das Américas. Apesar de algumas controvérsias sobre as datações,

é certo que a partir de pelo menos 3.500 anos atrás os antigos habitantes já dominavam esta tecnologia, fazendo e usando vasilhas de barro queimado. Esta é uma tecnologia que permanece em prática até mesmo depois da entrada de europeus na região, e só desaparece quando da substituição das panelas de barro por outras de ferro ou de alumínio. A argila usada em Monte Alegre é de boa qualidade, naturalmente com muitos grãos areia, e foi posteriormente aproveitada em tempos históricos para a confecção de tijolos e telhas, à exemplo da olaria no bairro de Pariçó. Como é comum entre os povos indígenas de tradição oleira, para dar maior resistência e liga às vezes se adicionava à argila alguns temperos, como o cauixi (espículas de uma esponja silicosa de água doce), o caraipé (cinzas de casca de árvore) e fragmentos de cerâmica quebrada e moída. Nas cerâmicas de Monte Alegre predomina mesmo a areia e grãos de quartzo triturado, o que aumenta a resistência das vasilhas e melhora suas qualidades térmicas quando levadas ao fogo.

As vasilhas são feitas a partir da técnica de roletes; uma vez as paredes prontas, muitas eram decoradas com incisões, pequenos apliques modelados ou pintura. Hoje encontramos apenas pequenos fragmentos destas vasilhas.

Apesar da proximidade de Santarém, que apresenta cerâmicas bem características e elaboradas, os povos que habitaram a região de Monte Alegre tinham um estilo próprio de fazer cerâmica; eram comuns as



Alguns dos fragmentos de cerâmica encontrados nas escavações da Caverna da Pedra Pintada pela equipe do Museu Goeldi em 2014.

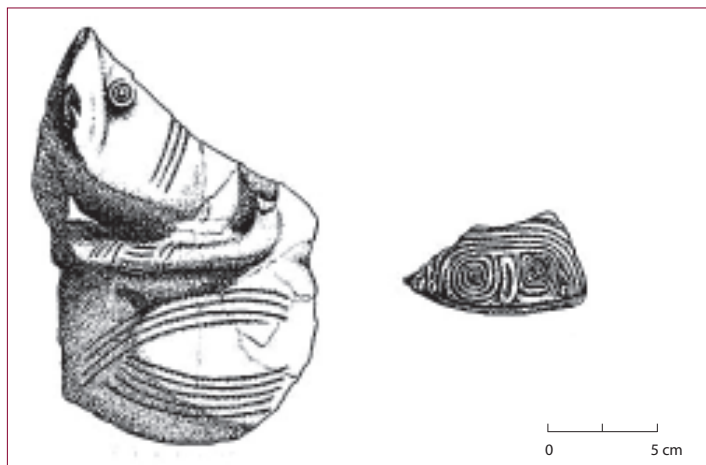
Caretas de cerâmica encontradas à superfície de antigas aldeias. (Acervo Reserva Técnica Mario Simões, Museu Goeldi / MCTIC)



vasilhas decoradas nas bordas com incisões, ponteados e pequenos botões, além de apliques em forma de caretinhas; também existem algumas vasilhas com paredes em forma de animais e até mesmo pequenas estatuetas em formas humanas.

A partir de certo momento, entre 1200 e 1400 da nossa era, quando aumentam as aldeias a céu aberto na região, o estilo das cerâmicas se assemelha a de outros povos que habitaram o baixo Amazonas, de Santarém a Marajó, do Amazonas ao litoral das Guianas, correspondendo provavelmente à expansão de grupos indígenas falantes de línguas Carib por esta região.

Desenhos de cerâmicas com representação de animais nas suas paredes provenientes do sítio arqueológico a céu aberto Coroatá datado por volta do ano 1300 (ou 800 anos atrás). (Acervo Reserva Técnica Mario Simões, Museu Goeldi / MCTIC).



Proteger para preservar



O PEMA, enquanto área de densa ocorrência de sítios arqueológicos, seja com sítios de arte rupestre ou outros, é protegido pela constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. Segundo a constituição as cavidades naturais subterrâneas e os sítios arqueológicos e pré-históricos são caracterizados como bens da União, sendo a sua proteção de competência comum da União, dos Estados, e dos Municípios. Esta proteção se estende aos documentos, às obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, aos monumentos, às paisagens naturais notáveis e aos **sítios arqueológicos**;

Desde 1961 que a lei Nº 3.924 protege e guarda todos os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existente no território nacional e todos os elementos que neles se encontram. Dessa forma, a propriedade da superfície, não inclui a das jazidas arqueológicas ou pré-históricas. Destacando no artigo 5º que **qualquer ato que resulte na destruição total ou parcial dos sítios arqueológicos de qualquer natureza será considerado crime contra o Patrimônio Nacional, sendo punível de acordo com o disposto nas leis penais.**

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é o responsável por fiscalizar e proteger patrimônio arqueológico nacional. **Se você souber da destruição ou depredação desse patrimônio DENUNCIE.**

No âmbito do Estado do Pará, estadual a lei Nº 5629, de 20 de dezembro de 1990, dispõe sobre a Preservação e Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Natural e Cultural do Estado do Pará, relacionados à memória dos diferentes grupos que formam a sociedade paraense, dentre os quais se inclui os sítios de valor arqueológico.

Para além das leis de proteção, todo cidadão brasileiro pode ajudar a proteger este patrimônio que é de todos nós. Na sua visita ao PEMA evite tocar nas pinturas ou fazer qualquer intervenção na paisagem. Lembre-se de sempre recolher seu lixo.

Contato do IPHAN no Pará

Avenida Governador José Malcher - de 545/546, 563, (91) 3224-1825
Nazaré, 66040-282, Belém, Pará
Email: iphan-pa@iphan.gov.br
www.iphan.gov.br/pa

Como visitar o PEMA



O Parque Estadual Monte Alegre (PEMA) é uma unidade de conservação de proteção integral cuja gestão é de responsabilidade do Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará – Ideflor-bio. Para visitar o PEMA é preciso solicitar autorização ao Ideflor-bio (<http://ideflorbio.pa.gov.br>) que tem sede em Belém e em Monte Alegre.

Quando ir

O melhor período para visitar os sítios arqueológicos do PEMA é entre julho e novembro quando as chuvas são menos frequentes na região.

Como chegar

O ponto de partida para visitar o PEMA é a cidade de Monte Alegre. Pode-se chegar nessa cidade por via fluvial, terrestre e aérea.

• Via fluvial

A partir de Santarém há três opções de deslocamento: barco motor, lancha e balsa.

BARCOS

Viageiro, Dona Ruth (ferry boat), Miranda Dias e Príncipe do Amazonas.

Trecho e horário: Santarém – Monte Alegre: 13h

Monte Alegre – Santarém: 20h

Duração: 6 h

LANCHA

Viação Tapajós (www.tapajosexpresso.com.br)

Trecho e horário: Santarém – Santana do Tapará: 16h (seg. a sex.)

Santana do Tapará – Santarém: 07h15 (seg. a sex.)

Duração: 1h15

BALSA

Camila Navegação (www.camilanavegacao.com)

Trecho e horário: Santarém – Santana do Tapará: 07h | 13h | 19h (seg. a dom.)

Santana do Tapará – Santarém: 04h | 10h | 16h (seg. a sáb.)

04h | 10h | 16h | 21h (dom.)

Duração: 2:30hs.

• Via Terrestre

O transporte de porto de Santana do Tapará para Monte Alegre é feito por via terrestre através da PA 255 em carro ou ônibus da empresa Expresso Fortaleza. Esta mesma rodovia liga Monte Alegre aos municípios vizinhos de Prainha, Alenquer, Curuá, Óbidos e Oriximiná

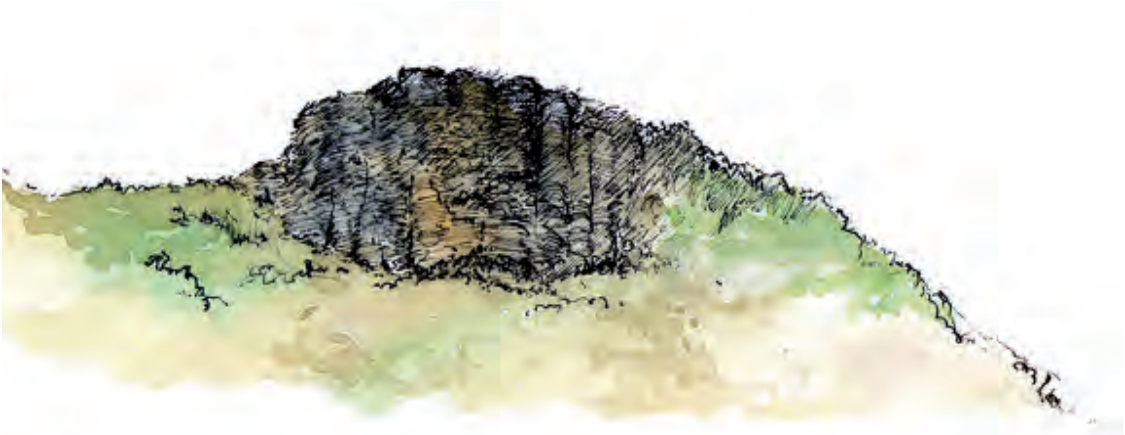
• Via aérea

Em Monte Alegre há um aeroporto para aeronaves de pequeno porte, mas não há voos regulares.

* Estas informações podem sofrer alterações.

Consulte as empresas de navegação e os barcos antes de viajar.





Para saber mais

Publicações

ANDRADE, Marcela Nogueira de. **Conservação integrada do patrimônio arqueológico: uma alternativa para o Parque Estadual Monte Alegre, Pará.** Dissertação de Mestrado (urso de mestrado em Arqueologia: universidade Federal do Piauí. 2012.

BARRETO, Cristiana; NASCIMENTO, Hannah Fernandes; PEREIRA, Edithe. Lugares persistentes e identidades distribuídas no Baixo Amazonas: complexos cerâmicos pré-coloniais de Monte Alegre, Pará. **Revista de Arqueologia** (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso), v. 29, p. 55-85, 2016.

BARRETO, Cristiana; NASCIMENTO, Hannah Fernandes. As cerâmicas dos sítios a céu aberto de Monte Alegre: subsídios para a arqueologia do baixo amazonas. Cristiana Barreto; Helena Pinto Lima; Carla Jaimes Betancourt (Org.). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese.** 1ª ed. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 2016, v., p. 262-278.

DAVIS, Christopher. Rock art and archaeoastronomy research at Monte Alegre do Pará, Brazil. New art discoveries 2009-2010 field season. **Amazônica** 3 (1): 172-191, 2011.

HARTT, Charles Frederick. Inscrições em rochedos do Brasil. *Revista do Instituto Archeológico e Histórico Pernambucano*, Recife, n. 47, p. 301-329. 1895. il.

HARTT, Charles Frederick. Inscrições em rochedos do Brasil. **Revista do Instituto Archeológico e Histórico Pernambucano**, Recife, n. 47, p. 301-329. 1895. il.

KATZER, Frederick. Geologia do Estado do Pará. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Belém, v. 9, p. 3-288. 1933.

MAURITY, Clovis W.; PINHEIRO, Roberto Vizeu; KERN, Dirse Clara; SOUZA, S.H.P.; HENRIQUES, A. L.; SILVEIRA, O.T. Estudos das Cavernas da Província Espeleológica Arenítica de Monte Alegre (PA). *Cadernos de Geociências* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 15, p. 57-63, 1994.

PEREIRA, Edithe. **Arte rupestre de Monte Alegre, Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2012.

PEREIRA, Edithe. Arte rupestre e cultura material na Amazônia Brasileira. IN: **Arqueologia Amazônica**. Organizado por Edithe Pereira e Vera Guapindaia. Belém: MPEG; IPHAN, SECULT. 2010. p. 260-283.

PEREIRA, Edithe. **Arte rupestre na Amazônia – Pará – Brasil**. São Paulo: Unesp, Belém: editora do Museu Emílio Goeldi. 2003.

PEREIRA, Edithe; MARTINEZ i RUBIO, Trinidad; BARBOSA, Carlos Augusto Palheta. Documentação digital da arte rupestre: apresentação e avaliação do método em dois sítios de Monte Alegre, Amazônia, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 8, p. 585-603, 2013.

ROOSEVELT, A. et al. Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon: The Peopling of the Americas. **Science**, v. 272, p. 373-384, apr.. 1996. il.

SILVA, Arenildo dos Santos. **Pelas Trilhas dos Filhos do Sol e da Lua: Memórias das Pinturas Rupestres de Monte Alegre, Pará**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia da Universidade Federal do Pará). 2014.

STENBORG, Per (Ed.). **In Pursuit of a Past Amazon**. Archeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. Göteborg: Göteborgs Universitet, 2004. (*Etnologiska Studier* 45).

Vídeos

Imagens de Gurupatuba – Direção Fernando Segtowitz
<http://www.museu-goeldi.br/portal/content/imagens-de-gurupatuba>

E-book

A arte rupestre de Monte Alegre – Pará - Edithe Pereira
Itaí –a carinha pintada – Juraci Siqueira/Mario Baratta
<http://www2.museu-goeldi.br/arqueologiamontealegre/index.php/publicacoes>

Aquarelas de Mario Baratta

https://issuu.com/museu-goeldi/docs/aquarelas_mariobarata

Exposição Visões – a arte rupestre de Monte Alegre

<http://www.museu-goeldi.br/portal/content/vis%C3%B5es-%E2%80%93arte-rupestre-de-monte-alegre>

Glossário

Antropomorfo

Figura com forma humana.

Arte rupestre

Forma de registro na rocha feita por antigos povos através das técnicas da pintura, gravura ou escultura. O termo **rupestre** é relativo a rocha.

Biomorfo

Figuras cujos traços não permitem distinguir se se trata de representações humanas ou de animais.

DNA

Termo formado pelas iniciais em inglês de Ácido Desoxirribo Nucleico, em português ADN. É um composto orgânico responsável por todas as informações genéticas de indivíduo. Todos os seres vivos possuem DNA. A análise de DNA permite identificar características e composições orgânicas, mesmo de milhares de anos atrás.

Domo

Estrutura geomorfológica ampla com convexidade voltada para cima onde as camadas mergulham em todas as direções a partir de uma área central.

Geoglifos

Figuras de grandes dimensões elaboradas no solo. Podem ser formados por conjuntos de rochas estruturadas/alinhadas sob a superfície ou pela remoção de solo formando grandes valas.

Holoceno

Período geológico que tem início após a última glaciação há 11.500 anos e se estende até o presente. Trata-se do último período da era Quaternária.

Línguas Carib

É uma família de aproximadamente 40 línguas indígenas faladas por povos do norte da América do Sul e da América Central. É uma das três maiores e mais espalhadas famílias linguísticas da América do Sul, junto com as famílias Tupi e Arawak.

Lítico

O termo é relativo à rocha. Os arqueólogos estudam os materiais líticos (rochas ou fragmentos de rocha) que foram alterados pela ação humana, a partir de diferentes técnicas como o lascamento ou o polimento, para uso enquanto instrumentos e ferramentas.

Mãos em positivo

Técnica de representação das mãos a partir da aplicação direta sob a rocha. A mão era embebida na tinta e plasmada diretamente na rocha.

Megalitos

mega = grande + litos = pedras. Monumentos feitos a partir da colocação de grandes blocos de rocha em determinadas posições ou arranjos espaciais.

Painel

Conjunto de motivos rupestres agrupados em proximidade.

Pleistoceno

Período geológico da Era Quaternaria que ocorreu entre 1,8 milhões a 11.500 anos atrás. Esse período marca também a expansão do *Homo sapiens* por todo mundo.

Rochas

Rochas são agregados sólidos que ocorrem naturalmente e é constituído por um ou mais minerais ou mineraloides. A camada externa sólida da Terra, conhecida por litosfera, é constituída por rochas, popularmente chamadas de pedras.

Rochas paleozoicas

Rochas formadas durante a era paleozoica (entre 540 milhões de anos a 250 milhões de anos atrás). São rochas sedimentares e metamórficas, como o calcário ou os depósitos de carvão.

Rochas terciárias

Essas rochas são resultantes do intenso movimento da crosta terrestre no Terciário e correspondem aos processos de soerguimento de partes da crosta terrestre.

Suporte

Superfície da rocha sobre a qual são feitas as pinturas e gravuras.

Terra Preta de Índio ou Terra Preta Antropogênica (TPA)

São solos escuros resultantes da ação antrópica, muito comuns em sítios arqueológicos da Amazônia, estando associados a vestígios cerâmicos, líticos ou orgânicos. São apreciadas na Amazônia para o uso de adubação na agricultura.

Voluta

Forma geométrica em espiral muito usada na arte rupestre e na decoração das cerâmicas arqueológicas amazônicas.

Zoomorfo

Figura com forma de animal.

Roteiros na área do PEMA



Pinturas rupestres
do sítio arqueológico
Serra da Lua



Pinturas rupestres
do sítio arqueológico
Pedra do Mirante



Pinturas rupestres
do sítio arqueológico
Gruta Itatupaoca



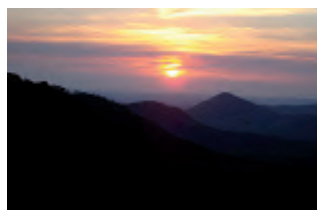
Visitar a Gruta
Itatupaoca



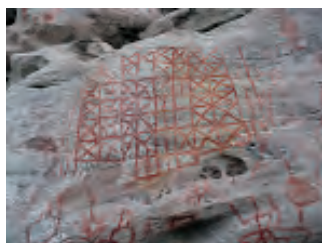
As torres
do Ererê



Pinturas rupestres
do sítio arqueológico
Pedra do Pilão



Observar a
paisagem do alto da
Pedra do Mirante



Pinturas rupestres
do sítio arqueológico
Painel do Pilão



Pinturas rupestres
do sítio arqueológico
Caverna da Pedra
Pintada



Pedra do
Cogumelo



Pedra da
Tartaruga



Pedra do
Navio



Pedra
do Pilão



Observar a
paisagem
a partir da base
da Pedra do Pilão



O Programa Arqueologia nas Escolas: Histórias da Amazônia nasceu de uma iniciativa entre pesquisadores que trabalham na Amazônia e que desejavam compartilhar algumas das informações adquiridas ao longo dos anos. Esse programa recebeu recursos do Ministério da Educação, Edital PROEXT 2016, através da Universidade Federal do Oeste do Pará e teve como parceiros o Museu Paraense Emílio Goeldi e as Secretarias de Educação dos Municípios de Monte Alegre e Santarém.

Os participantes são:

INTEGRANTES	INSTITUIÇÕES
Anne Rapp Py-Daniel (coordenação)	Universidade Federal do Oeste do Pará
Myrtle Pearl Shock (coordenação)	Universidade Federal do Oeste do Pará
Edithe Pereira	Museu Paraense Emílio Goeldi
Cristiana Barreto	Museu Paraense Emílio Goeldi
Claide de Paula Moraes	Universidade Federal do Oeste do Pará
Lucybeth Camargo de Arruda	Universidade Federal do Oeste do Pará
Karl Arenz	Universidade Federal do Pará
Hannah Nascimento	Museu Paraense Emílio Goeldi
Clara Ariete Mendonça Costa	Bolsistas do Programa Arqueologia nas Escolas:
Cláudio Patrício Souza Gemaque	Histórias da Amazônia/UFOPA
Dyedre Alves Pedrosa	
Mauricio Rabelo Criado	
Tâmires Monte Carneiro	
Vitória dos Santos Campos	





Cristiana Barreto

é graduada em História, com mestrado em Antropologia Social e doutorado e pós-doutorado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Suas pesquisas focam nas cerâmicas arqueológicas da Amazônia e suas iconografias. Há anos colabora com o Museu Emílio Goeldi em vários projetos de pesquisa arqueológica, tendo participado do projeto de socialização de sítios arqueológicos do PEMA e das pesquisas sobre a ocupação pré-colonial de Monte Alegre. Atua também na área de produção e gestão cultural em projetos voltados para a valorização do patrimônio histórico, cultural e artístico do Brasil, especialmente na edição de livros e curadoria de exposições.



Edithe Pereira

é graduada em História, com mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Geografia e História pela Universidade de Valencia, Espanha. É pesquisadora titular do Museu Emílio Goeldi e bolsista de produtividade do CNPq. Suas pesquisas estão voltadas principalmente para a arte rupestre da Amazônia. Sobre este tema tem dois livros publicados. Monte Alegre é a sua principal área de estudo onde desenvolve, desde 1989, pesquisas sobre a arte rupestre. Participou dos estudos que justificaram a criação do Parque Estadual Monte Alegre (PEMA) e da elaboração do plano de manejo deste parque. Foi uma das coordenadoras do projeto de socialização de sítios arqueológicos do PEMA. Atualmente coordena o projeto "A ocupação pré-colonial de Monte Alegre, Pará".



MONTE
ALEGRE



RIO AMAZONAS

SANTARÉM

RIO AMAZONAS



